



“AQUI [NÃO] É O FIM DO MUNDO”: NOVAS EPISTEMES E NARRATIVAS INSUBMISSAS

"HERE [NO] IS THE END OF THE WORLD": NEW EPISTEMS AND NARRATIVE NOT SUBMISSIVE

Robson Pereira da Silva*

Universidade Federal de Goiás – UFG/ Jataí

robson_madonna@hotmail.com



www.revistafenix.pro.br

Civilização encruzilhada
Cada ribanceira é uma nação
À sua maneira
Com ladrão
Lavadeiras, honra, tradição
Fronteiras, munição pesada
- Derradeira Estação
CHICO BUARQUE

O Terceiro Mundo surge hoje diante da
Europa como uma massa colossal cujo
projeto deve ser o de tentar resolver os
problemas aos quais essa mesma Europa não
soube oferecer soluções.
- FRANTZ FANON

O “Terceiro Mundo”, como foram pensados os países não euro-norte-americanos, subdesenvolvidos, subalternos entre outros epítetos, já têm buscado não

* Doutorando em História Social. Membro do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC/UFU). Professor substituto do Curso de História da UFG/Regional Jataí.

pedir a benção e muito menos estão dormindo; é o que tem apontado as perspectivas epistêmicas decoloniais, contrariando a ironia de Torquato Netto, em *Marginália II*. Perspectivas acadêmicas, em certa medida, têm aderido às proposições de Frantz Fanon, como um brado a ser seguido, sendo a ordem por ele proferida, em *Os Condenados da Terra*, a seguinte: “*Companheiros o jogo europeu acabou definitivamente, há que encontrar outra coisa. Podemos fazer qualquer coisa agora à condição de não imitar a Europa, de não nos deixar tornarmos obsessivos com o desejo de alcançar a Europa*”¹.

Dessa feita, a recusa mimética aos valores coloniais somada à crítica ao espectro epistêmico e narrativo assimétrico, paulatinamente, está ocupando espaços de debates nos fóruns científicos. No Brasil, se têm cumprido uma agenda cada vez mais aguerrida sobre o enfrentamento das ciências humanas diante das disposições do poder localizado e colonizador da cultura/política, especialmente pela via do conhecimento científico, considerando inclusive as dimensões geopolíticas do saber. Busca-se, assim, constituir uma práxis da liberação por demandas de insurgência, como Diego Diehl (2015) sugere, especialmente acerca das reivindicações ligadas aos direitos humanos que passa a considerar a decolonialidade como a quebra da pretensa universalidade marcadamente “europeia”. Os primeiros passos sistematicamente foram dados, entre a década de 1960 e 1970, sob a égide dos entrecruzamentos interculturais, em suas dimensões de características de combate político, como afirma Dussel:

A filosofia latino-americana como *filosofia da liberação* descobria seu condicionamento cultural (pensava-se a partir de uma cultura determinada), mas também articulada (explícita ou implicitamente) a partir dos interesses de classes, grupos, sexo, raça etc. determinados. A *location* havia sido descoberta e era a primeira questão filosófica a ser tratada. O diálogo intercultural havia perdido sua ingenuidade e passou a ser compreendido como sobre determinado por todo o período colonial. De fato, em 1974 iniciamos um “diálogo” intercontinental “Sul-Sul” entre os pensadores da África, Ásia e América Latina, cuja primeira reunião foi realizada em Dar-Es-Salaam (Tanzânia) em 1976. Esses encontros deram-nos um novo panorama sobre as grandes culturas da humanidade.²

¹ FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968, p.272.

² DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da liberação. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 52, 2016.

Não obstante, como resultado dos desdobramentos do V Congresso Internacional de História, da UFG Jataí – acontecido em setembro de 2016 – foi lançada, no segundo semestre de 2017, a coletânea *Novas epistemes e narrativas contemporâneas*, a fim de apontar as relações entre a História e as possibilidades explicativas decentradas e que enfrentem os efeitos do domínio colonial que não foram suspensos, mas que adquiriram novas interfaces e embates. Trata-se, então, de mobilizar uma reação epistêmica que considere o aspecto colonial enquanto um marcador histórico que dispôs a hegemonia de poder eurocêntrico, ou seja, pressupõe o questionamento das relações entre o centro e a margem.

A dimensão decolonial, segundo os organizadores, Aguinaldo Rodrigues Gomes (UFMS), Marcos Antonio de Menezes (UFG) e o peruano José Marin Gonzáles (Universidade de Genebra), consiste na crítica ativa ao colonialismo pelo viés da narrativa, por onde o trabalho disciplinar da História é performativo e engendrou determinadas hierarquias conceituais e geograficamente localizadas, as quais tem se buscado infringir, com a relativização de categorias como civilização, subalternização, subdesenvolvimento, etc.:



www.revistafenix.pro.br

A decolonialidade se refere as enunciações de vários matizes que emergem a partir de histórias “globais-locais” envolvidas em contrastes com a história imperialista e local norte-americana, enviesada em orientes da modernidade, pós-modernidade e altermodernidade. No início, tal projeto epistemológico se concentrou nas questões da economia e da teoria política e, posteriormente, a expressão “estéticas decoloniais” foi introduzida no debate. A decolonialidade se faz na crítica e resistência ao próprio colonialismo. Assim consideramos Frantz Fanon, Albert Memmi, Aimé Césaire e Kwame Nkrumah, percursos de tais debate.³

Assim, os autores e os organizadores da coletânea se reúnem em torno de pesquisas que, além de enfrentarem as pautas da contemporaneidade de lutas pela existência, como raça, gênero, sexualidade e classe, debruçam-se, ao longo dos treze artigos contidos no livro, sobre como o binômio colonialidade/modernidade se portam historicamente como simbióticos, contraditórios e inseparáveis na manutenção de cisões, subalternações e enfrentamentos de discursos e narrativas, inclusive, observando o lugar de produções acadêmicas em ciências humanas e suas respectivas relações de

³ GOMES, Aguinaldo Rodrigues; GONZÁLES, Jose Marín Gonzales; MENEZES, Marcos Antonio (orgs). *Novas epistemes e narrativas contemporâneas*. – Campo Grande: Life Editora, 2017, p. 07

poder. Ou seja, estão interessados em investigar como as localidades que divergem do olhar colonizador, inclusive, ao dialogarem com ele, tem produzido narrativas e saberes descentralizadores. Assim, a pergunta mote que norteia o livro é: Qual o local das populações não europeias e norte-americanas e suas narrativas na produção científica contemporânea?

O ponto fulcral desses estudos reside na necessidade de tornar visíveis alternativas epistêmicas emergentes que permitam a crítica da estrutura disciplinar do conhecimento moderno (MENEZES,2008, p.06). Para esses autores, a questão central é problematizar a dominação epistemológica do pensamento colonial que ainda se faz presente mesmo após os processos de independência política. Ainda, de acordo com Maria Paula Menezes (2008), a problematização da pós colonialidade orienta-se por uma revisão e crítica da razão moderna, seja no campo da cultura, da história ou mesmo do conhecimento, a partir de uma ontologia que não seja erigida pelo Norte Global, para isso é necessário se defrontar com as várias exigências que se impõe ao pesquisador ao revisitar esses conceitos, a saber: histórica, ou seja, a necessidade de repensar todos os passados e perspectivas futuras à luz de outras perspectivas, que não as do Norte global; a ontológica, que passa pela renegociação das definições do ser e dos seus sentidos; “e, finalmente, a epistêmica, que contesta a compreensão exclusiva e imperial do conhecimento, desafiando o privilégio epistêmico do Norte Global.” (MENEZES, 2008, p.06). Assim a proposta que ora apresentamos incide numa abertura para as reflexões de pesquisadores estrangeiros e brasileiros engajados nessa nova postura epistemológica frente à produção do conhecimento, a partir de uma epistemologia própria dos países e povos subalternizados, seja na África, Ásia e ou América Latina, caracterizando uma epistemologia do Sul.⁴



De maneira relacional, *Novas Epistemes e Narrativas Contemporâneas* considera o enfrentamento dos lugares de fala na ordem dos discursos, destacando que a experiência tida como periférica e subalternizada produz deslocamentos, desconstruções, circularidades, diásporas, ressignificações e particularidades culturais diante dos processos políticos, inclusive ao lidarem com a produção do conhecimento. Essa insurgência é resultado da percepção crítica à modernidade, por um fluxo considerado uma espécie de reação emancipatória, conceituada por Dussel como “pluriverso transmoderno”, capaz de destacar medidas de descaracterização da invisibilidade de culturas catalogadas como periféricas por parâmetros externos. Assim, suscita-se uma readequação crítica às modernidades, em medidas de alteridade cultural:

⁴ GOMES, Aguinaldo Rodrigues; GONZÁLES, Jose Marín Gonzales; MENEZES, Marcos Antonio (orgs). **Novas epistemes e narrativas contemporâneas**. – Campo Grande: Life Editora, 2017, p.06.

A afirmação e o desenvolvimento da alteridade cultural dos povos pós-coloniais, integrando-se ao melhor da Modernidade, não deve se desenvolver em um estilo cultural que leve a uma unidade globalizada, indiferenciada ou vazia, mas a um pluriverso transmoderno (com muitas universalidades: europeia, islâmica, vedanta, taoista, budista, latino-americana, bantu etc.), multicultural, em um diálogo crítico intercultural.⁵

Podemos afirmar que, no campo cultural (processos de massificação) e acadêmico, ainda não conseguimos nos desvencilhar dos pressupostos teóricos eurocêntricos, vivemos, portanto, uma neocolonialidade, ainda que combativa e problematizadora. Devemos, assim, adotar o que Spivak (1990) considera um posicionamento filosófico desconstrutivo que (des) hierarquiza a relação entre o centro e a margem, que alguns autores como Ramon Grosfoguell, José Marin Gonzáles, Boaventura dos Santos Souza e Maria Paula Menezes tem chamado de decolonialidade.

Nesse horizonte de investigação, *Novas Epistemes e Narrativas Contemporâneas* se pretende enveredar nas perspectivas de cunho epistemológico, em regime interdisciplinar, no tocante aos processos de descolonização na formação cultural e, como essa perspectiva se fomenta no campo dos saberes, com ênfase nas interfaces entre cultura, ciência e sociedade. Reconhecendo, assim, como se localiza atualmente a produção acadêmica referente a esse debate, sobretudo considera-se como desdobramentos resultantes das políticas coloniais – empreendedoras da modernidade universal europeia - a intolerância cultural, a xenofobia e o racismo, inclusive epistêmico, como bem debate Ramon Grosfoguell:

O racismo epistêmico é um dos racismos mais invisibilizados no “sistema-mundo capitalista/patriarcal/ moderno/ colonial”. O racismo em nível social, político e econômico é muito mais reconhecido e visível que o racismo epistemológico. Este último, opera privilegiando as políticas identitárias (*identity politics*) dos brancos ocidentais, ou seja, a tradição de pensamento e pensadores dos homens ocidentais (que quase nunca inclui as mulheres) é considerada como a única legítima para a produção de conhecimentos e como a única com capacidade de acesso à “universidade” e à “verdade”. O racismo epistêmico considera os conhecimentos não-ocidentais como inferiores aos conhecimentos ocidentais. Se observarmos o conjunto de pensadores que se valem das disciplinas acadêmicas, vemos que todas as disciplinas, sem exceção, privilegiam os pensadores e teorias

⁵ DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 71, 2016.

ocidentais, sobretudo aquelas dos homens europeus e/ou euro-norte-americanos. Essas *identity politics* hegemônicas são tão poderosas e tão normalizadas sob o discurso de objetividade e “neutralidade” da “ego-política do conhecimento” das ciências humanas que quando se pensa em *identity politics* se assume imediatamente como “senso comum” que se trata das minorias discriminadas. De fato, sem negar a existência de *identity politics* entre setores das minorias discriminadas, as *identity politics* hegemônicas – do discurso eurocêntrico – utilizam esse discurso identitário racista para descartar toda intervenção crítica proveniente de epistemologias “outras”⁶

Assim, a obra reúne textos de pesquisadores de diversas áreas do globo, mas especialmente para pesquisadores latino-americanos, que tem pensado o mundo pós-moderno e pós-colonial como um lugar que ainda não deu respostas às populações [des]locadas na periferia pelos efeitos dessa modernização e descolonização do globo. Se para Habermas a modernidade é um projeto incompleto, sem completude também o é a descolonização, pois ambos se rearticulam produzindo novas formas de dominação e controle dos que estão “fora do centro”.

As reflexões que abrem esta obra concentram-se em torno do conceito de interculturalidade que se apresenta nos processos educacionais e ainda na formulação de novas epistemes capazes possibilitar reflexões sobre a realidade latino-americana, a começar pelos processos educacionais. A dimensão intercultural consiste no reconhecimento dos processos de subalternização, marginalização, problematização da imputação de hierarquizações coloniais, embates de etnicidade; o que Diego Diehl chamou de “giro descolonizador”:

A interculturalidade [...] é um diálogo concreto entre povos oprimidos que buscam sua libertação, e que para isso demandam um profundo conhecimento de seu “ser no mundo”. Reconhecer-se como ainda oprimidos, devido a uma situação de colonialidade que persiste até hoje, é condição para o diálogo intercultural, que deve ser concebido como um momento do processo de libertação. Portanto, antes que a “ação comunicativa” possa ocorrer no diálogo intercultural, é necessário aplicar um “giro descolonizador”, que implica resgatar criticamente a história para re-conhecer a condição subalternizada, oprimida, das culturas dialogantes. Para que haja esse reconhecimento, é fundamental uma abertura ao Outro, à outra cultura, e tomá-la como digna por si mesma, sem a necessidade de mediações

⁶ GROSFOGUEL, Ramón. Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias descoloniais. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 59, n. 2, p. 32, June 2007. Available from http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000200015&lng=en&nrm=iso. access on 20 Feb. 2019.

etnocêntricas para lhes imputar classificações. Ademais, essa alteridade demanda um necessário *compromisso com o outro, solidariedade* com aquela cultura distinta e historicamente violentada, desprezada, excluída, silenciada.⁷

Em *Eurocentrismo, racismo e interculturalidade no contexto da globalização*, texto que abre a primeira parte da coletânea, José Marin Gonzáles aponta para os enfrentamentos que a educação latino-americana deve se propor frente aos problemas de um mundo globalizado que exige dos intelectuais a desconstrução de determinadas “máximas” universalizantes da modernidade. O filósofo suscita que a perspectiva de cultura que uma educação intercultural deve assumir não é de assimilação permissiva de culturas divergentes de uma matriz consagrada historicamente, como as tolerâncias do multiculturalismo presente nos departamentos norte-americanos, como também as iniciativas de dominação de financiamento dos fundos monetários internacionais que exercem pressões nas dinâmicas educacionais periféricas. Suscita a resolução dos problemas de integrações de agentes nacionais por procedimentos educacionais que visem, por exemplo, a história e cultura dos povos indígenas em relações dialógicas com as sociedades pluriculturais⁸, ou seja, uma educação que apontaria respostas interculturais para os problemas sociopolíticos e culturais geridos por uma ideia de Estado em torno da gestão de mercado, não mais como defensor do aspecto de um projeto social de seguridade para a nação.

En momentos, en los que los banqueros afirman, que: «una buena guerra podría ser la alternativa para la crisis económica y la reorganizar de la economía» Qué hacer? Más allá de la creciente ola del populismo primario, nacionalista y xenófobo, que impregna la política en los Estados Unidos, con la elección de Donald Trump. Es evidente que este hecho, amenaza influenciar las próximas elecciones en Europa, donde el racismo emerge con una gran fuerza, convertido hoy, en una ideología política de masas. Nos queda la esperanza, de que, si son hombres, quienes crean tantas desigualdades, son hombres también, quienes pueden reconstruir un proyecto social, más solidario y justo para todos. Ante este panorama, la perspectiva intercultural,

⁷ DIEHL, Diego Augusto. **A re-invenção dos direitos humanos pelos povos da América Latina**: para uma nova história decolonial desde a práxis de libertação dos movimentos sociais. 2015. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2015, p.136.

⁸ GONZALES, José Marin. Eurocentrismo, racismo e interculturalidade no contexto da globalização. In: _____. GOMES, Aguinaldo Rodrigues; GONZÁLES, Jose Marín Gonzales; MENEZES, Marcos Antonio (orgs). **Novas epistemes e narrativas contemporâneas**. – Campo Grande: Life Editora, 2017, p.47

como alternativa educativa, social y cultural, queda como una sólida proposición, para construir la coniviabilidad humana.⁹

A educação numa perspectiva intercultural, a partir dos estudos dos processos educacionais, também é objeto de análise no artigo *Discriminación en instituciones escolares: relatos de sujetos tobas/qom de Argentina*. Em uma espécie de etnografia das trajetórias em ambientes escolares, a antropóloga argentina, Ana Carolina Hecht, apresenta os enfrentamentos de estudantes que não se enquadram ao ordenamento ético civilizatório de homegeinização na cultura escolar, para uma vida gestada pela ordem neoliberal, que indicam processos de discriminação étnica. Isso foi possível por meio depoimentos coletados de indígenas da etnia toba/quom, que expressam cenas escolares em que essas violências marcaram o histórico da vida estudantil desses sujeitos. A autora aponta que, muitas vezes, para as populações originárias a escola pode se apresentar como um espaço de alinhamento cultural, a começar pelos confrontamentos linguísticos, inclusive como uma forma de distinção e discriminação:



La escuela ocupa un espacio central y complejo en la vida de los sujetos, ya que a través de su escolarización ingresan en un campo de múltiples yuxtaposiciones, disputas y tensiones entre las ideas que circulan en dicha institución y las de sus familias y comunidades respecto de cómo vivir, sentir y comunicarse. Más aún si consideramos el caso de los pueblos originarios, donde esse impacto puede ser aún mayor, ya que las escuelas se constituyen como espacios de contacto interétnico y lingüístico. Inclusive, cabe decir que la escuela para muchos de nuestros entrevistados, se presenta como el primer lugar donde escucharon hablar en español.¹⁰

Murilo Sebe Bon Meihy, em *A cegueira de Sherlock Holmes: novos olhares e epistemologias sobre a contemporaneidade*, com erudição e maestria, aponta como a linguagem científica e ficcional se amalgamam e performativamente produzem uma lógica hierárquica com sujeitos criminosos, desviantes e marginais diante dos contínuos coloniais, como a obra de Arthur Conan Doyle, *Sherlock Holmes*, ainda no século XIX. O autor estabelece uma relação passado e presente, ao considerar as condicionantes

⁹ GONZALES, José Marin. Eurocentrismo, racismo e interculturalidade no contexto da globalização. In: _____. GOMES, Aguinaldo Rodrigues; GONZÁLES, Jose Marín Gonzales; MENEZES, Marcos Antonio (orgs). **Novas epistemes e narrativas contemporâneas**. – Campo Grande: Life Editora, 2017, p.49.

¹⁰ HECHT, Ana Carolina. Discriminación en instituciones escolares: relatos de sujetos tobas/qom de Argentina. In: _____. GOMES, Aguinaldo Rodrigues; GONZÁLES, Jose Marín Gonzales; MENEZES, Marcos Antonio (orgs). **Novas epistemes e narrativas contemporâneas**. – Campo Grande: Life Editora, 2017, p. 61.

contemporâneas acerca das populações negras e do Oriente Médio, especialmente acerca dos atentados aos árabes e mulçumanos, como um discurso produzido em uma relação colonial, inclusive por meio da violência científica:

Os marginalizados de ontem e de hoje recorrem às armas que a vida e a história lhes oferecem [...], mas somente a visão rasa e oblíqua e pretensamente superior de novos Sherlock Holmes vestidos de argumentos de autoridade e ciência, pode assombrar o uso da violência como violência como linguagem política em mundo racista, patriarcal e decadente criada pelo homem contemporâneo.¹¹

Agustín Ávila Romero, em *Los pueblos originarios y su defensa de La vida en El contexto Del capitalismo en América Latina*, nos provoca a pensar quais os dilemas diante da subjugação das construções culturais latino-americanas, especialmente acerca da problemática da identidade mediante a ofensiva capitalista que coloca em perigo a história dos povos originários. Segundo Romero, a nova interface capitalista se apresenta como um novo colonialismo, que joga com as possibilidades de desenvolvimento econômico e social dentro do continente americano e suas variações culturais, que remexe com a América Latina e seu passado colonial:

Entonces es importante conceptualizar porque cuando hablamos de América Latina, estamos hablando de este proceso colonial, de esta herida colonial abierta, una nueva conquista violenta, militar, etc. En una América Latina en donde los pueblos originarios tienen fuerza, y resisten al colonialismo, porque también no es nada más dominación, sino también es resistencia, la que hay en muchas partes y mucha esperanza también de cosas que están haciendo en materia de sustentabilidad, economía solidaria y agroecología, por ejemplo.¹²

Assim, Romero suscita observar a experiência latino-americana a partir da relação natureza, agricultura e força de trabalho, ao invés de valorizar o aspecto monocultural tóxico do agronegócio de dimensão voraz capitalista, como as alternativas agroecológicas de comunidades indígenas de Chiapas, no México.

¹¹ MEIHY, Murilo Sebe Bon. A cegueira de Sherlock Holmes: novos olhares e epistemologias sobre a contemporaneidade. In: _____. GOMES, Aguinaldo Rodrigues; GONZÁLES, Jose Marín Gonzales; MENEZES, Marcos Antonio (orgs). **Novas epistemes e narrativas contemporâneas**. – Campo Grande: Life Editora, 2017, p. 77.

¹² ROMERO, Agustín Ávila. Los pueblos originarios y su defensa de La vida en El contexto Del capitalismo en América Latina. In: _____. GOMES, Aguinaldo Rodrigues; GONZÁLES, Jose Marín Gonzales; MENEZES, Marcos Antonio (orgs). **Novas epistemes e narrativas contemporâneas**. – Campo Grande: Life Editora, 2017, p. 95.

Dois textos parecem ser os mais dissonantes da organicidade decolonial que a coletânea pretende, especialmente pelos diálogos bibliográficos, mas dialogam de certa maneira com o restante da obra por lidarem com conceitos, como modernidade e tempo. Marcos Antonio de Menezes, em *Dissonâncias na leitura das obras de Baudelaire: Benjamin, Sartre e Foucault*, aponta as dimensões críticas da modernidade, a partir das apropriações e ressignificações de Sartre, Foucault e Benjamin a partir das leituras desses intelectuais da obra de Charles Baudelaire. Em *Narrar tempos incertos*, Aguinaldo Rodrigues Gomes e Miguel Rodrigues Sousa Neto tensionam as inter-relações entre tempo e narrativa e, como vertiginosamente, o primeiro se tornou um instrumento de poder, inclusive chancelado em práticas historiográficas, capaz de produzir perspectivas hierárquicas de ruínas discursivas, na contemporaneidade, caracterizadas pela hiper-fragmentação, em que há sujeitos pós-submissos e hiper-cansados pelo tempo da simultaneidade acelerada.

Em “*Por El bien Del pueblo que a través de mi gobierna*”: reflexiones en torno a *La teoría de La representación democrática a partir Del Impeachment paraguayo y brasileño*, da argentina Magdalena López (Universidade de Buenos Aires), é enfrentado o tema da crise de representação e representatividade diante das dinâmicas políticas contemporâneas, especialmente acerca dos processos de afastamento presidenciais recentemente ocorridos no Brasil e no Paraguai.

Nos interesa pensar esa representación en varias esferas, aquella relación vincular que tiene el candidato con su electores (que lo erigió como representante) sin dejar de lado su relación con su partido (que lo convirtió en candidato, em primera instancia); pero también la relación de representación que un político tiene sobre los demás actores que participan en su gestión, así como la diferencia entre esos “vínculos de obligatoriedad” que tienen los representantes del poder legislativo con la ciudadanía que los puso en sus bancadas, y lo que sucede entre el presidente y el vicepresidente. Nos parece interesante, pensar estas cuestiones teóricas a la luz de los ejemplos concretos de los Juicios que desplazaron a Fernando Lugo de la presidencia del Paraguay y a Dilma Rousseff de la de Brasil.¹³

A partir da linguagem cinematográfica, Ana Paula Squinelo, em *O Paraguai como “o outro demonizado”*: aproximações e distanciamentos estéticos na produção

¹³ LÓPEZ, Magdalena. “Por El bien Del pueblo que a través de mi gobierna”: reflexiones en torno a La teoría de La representación democrática a partir Del Impeachment paraguayo y brasileño. In: _____. GOMES, Aguinaldo Rodrigues; GONZÁLES, Jose Marín Gonzales; MENEZES, Marcos Antonio (orgs). **Novas epistemes e narrativas contemporâneas**. – Campo Grande: Life Editora, 2017, p. 138.

cinematográfica brasileira, elenca um conjunto de narrativas fílmicas que lidam com diversas interpretações acerca da guerra do Paraguai, inclusive qual o diálogo dessas produções com os encaminhamentos que essas produções têm com a historiografia relativa ao tema da guerra da tríplice fronteira. Não obstante, sugere o povoamento humanizado de diversos agentes acerca desse processo histórico nas construções narrativas:

Nesse sentido a produção relacionada a temática da Guerra do Paraguai que se configure como um *filme inovador ou de oposição* pode dar relevo as mulheres (enfermeiras, acompanhantes, comerciantes, mães, esposas, prostitutas etc), aos indígenas (guaicurú, terena, kinikinau etc), aos negros, aos comerciantes, ao cotidiano duro da Guerra, entre inúmeros outros aspectos que marcaram a crueza do conflito em uma busca que passa pela humanização dos processos históricos.¹⁴

Outrossim, na esfera da linguagem cinematográfica, Priscila de Oliveira Xavier Scudder, em *“Leite e Ferro”*: notas e diálogos sobre racismo e encarceramento em massa, discute a experiência de mulheres encarceradas, por conseguinte, trata de problematizar o filme *“Leite e Ferro”* (2009), de Cláudia Priscila. A autora produz uma reflexão acerca da relação entre raça, gênero e classe referente às populações carcerárias, a partir das experiências que permeiam e dialogam com o filme:

As narrativas das prisioneiras, fazem o mesmo que o corpo de Cláudia Ferreira da Silva, ou seja, materializam, através das narrativas das mulheres- -mães aprisionadas, a permanência do racismo, ao mesmo tempo que confirma a reflexão de Davis sobre a inseparabilidade das categorias gênero, classe e raça, e permite que estabeleçamos uma experiência. No filme não há o recurso a um narrador, um senhor da palavra, uma voz a impor uma cronologia, uma sequência razoável. Tampouco há um texto direcionando a conversa entre as prisioneiras, ou promovendo um debate sobre classe, raça e gênero, mas há a cor captada pelos olhos, a fome presente em suas histórias. Há a exigência da escuta, do encontro, da atenção às conversas do dia-à-dia, que são trocadas não na cozinha de casa, mas em celas, entre grades, nos banheiros da prisão, entre um banho e uma mamada de bebês, há os corpos das mulheres, suas histórias, a geografia onde suas vidas se organizam e seus afetos se costumam.¹⁵

¹⁴ SQUINELO, Ana Paula. O Paraguai como “o outro demonizado”: aproximações e distanciamentos estéticos na produção cinematográfica brasileira. In: _____. GOMES, Aguinaldo Rodrigues; GONZÁLES, Jose Marín Gonzales; MENEZES, Marcos Antonio (orgs). **Novas epistemes e narrativas contemporâneas**. – Campo Grande: Life Editora, 2017, p. 174.

¹⁵ SCUDDER, Priscila Xávier. “Leite e Ferro”: notas e diálogos sobre racismo e encarceramento em massa, discute a experiência de mulheres encarceradas. In: _____. GOMES, Aguinaldo Rodrigues;

Em *Afetos de uma ilha de resistência ao poder do sistema-mundo*, Eliete Borges Lopes se dedica a investigar uma comunidade - da Ilha do Bananal - espaço situado no centro da cidade de Cuiabá. A questão central é observar a manutenção da luta pela existência desse grupo, diante da vulnerabilidade caracterizada pela pobreza e a violência que, pela via dos artefatos e afetos, tem possibilitado uma perspectiva explicativa de vida marginalizada, a partir das narrativas produzidas pelo entendimento também gestado pelas populações em situação de rua. Sobretudo, considera-se nesse artigo os confrontos desses sujeitos com a violação dos direitos humanos.

A Ilha do Bananal mobilizou todos esses elementos que chamamos aqui de artefatos e de afetos e que são, em suas ligações com o contexto de vida da cidade, o âmbito comunitário, a vida comum ou vida ora compartilhada na Ilha. Os afetos dizem respeito a toda interação e maneira de se presentificar e de se conectar ao território, de sorte que também o meu afeto de conexão analítico-descritivo e desejante formou com as pessoas do lugar e a cultura um prisma das paisagens da ilha, no entanto hoje esta população e mesmo a pesquisa em questão encontra-se em processo de desterritorialização, sua reterritorialização depende dos destinos coletivos e individuais que possamos tomar de maneira que em grande medida, este trabalho está em suspenso, contanto mais como uma memória do que como um movimento presente.¹⁶



O capítulo *Mujeres bolivianas en Buenos Aires: ¿guardianas de La tradición o responsables de La integración?*, de Gabriela Navaro, se acerca das relações entre educação e imigração, a partir das questões de gênero. Especialmente, intenta compreender os dilemas de mulheres bolivianas, imigrantes que, devido aos fluxos interculturais próprios da globalização, cumprem a iniciativa de perpetrarem a transmissão geracional da cultura do país de origem com a responsabilidade de promoção da integração, de si mesmas e das novas gerações, na sociedade argentina em condições de maior igualdade em contextos formativos.

Odemar Leotti, em *O Centenário da Rebelião Cuiabana – psicologia e a revalidação do protagonismo das camadas populares nas narrativas dos sócios do IHGMT*, desnuda uma genealogia que lhe permitiu compreender os blocos históricos

GONZÁLES, Jose Marín Gonzales; MENEZES, Marcos Antonio (orgs). **Novas epistemes e narrativas contemporâneas**. – Campo Grande: Life Editora, 2017, p. 187.

¹⁶ LOPES, Eliete Borges. Afetos de uma ilha de resistência ao poder do sistema-mundo. In: _____. GOMES, Aguinaldo Rodrigues; GONZÁLES, Jose Marín Gonzales; MENEZES, Marcos Antonio (orgs). **Novas epistemes e narrativas contemporâneas**. – Campo Grande: Life Editora, 2017, p. 200.

que foram silenciados através de revalidações históricas, em que acontecimentos ficaram “soterrados” a partir de uma narrativa do que se cristalizou como uma dada verdade sobre o passado que, positivado, tornou possível estetizar-se como história de Mato Grosso.

Dessa feita, indica-se essa obra para aqueles que desejam se acercar dos enfrentamentos epistêmicos sobre decolonialidade na América Latina. De modo geral, permeiam-se durante a leitura dos artigos contidos no livro os debates referentes às críticas ao binômio modernidade/colonidade que, desde os fins do século passado, têm mobilizado pesquisadores no Brasil e demais países dos continentes americano, asiático e africano, apontando para as incompletudes destes processos de poder. Implica, então, em produções reflexivas fora dos eixos geográficos consagrados. Trata-se de trazer a luz as incompletudes de um projeto que se quis universalizante, como já apontava Habermas.¹⁷ Por conseguinte, oportuniza-se o confronto de grupos oprimidos historicamente, em um projeto de descolonização cultural e sociopolítico que exponha os desdobramentos das práticas coloniais (racismo, sexismo, xenofobia, cristianocentrismo, eurocentrismo, etc); as encruzilhadas seriam as possibilidades de caminhos transmodernos e plurais.

RECEBIDO EM: 26/11/2018

PARECER DADO EM: 20/12/2018

¹⁷ Cf.: HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.